



Fernando Souza

EM DEFESA DO FUTURO

> **Professores participaram de intensa agenda contra a reforma da Previdência**

KELVIN MELO kelvin@adufjr.org.br

Jovens e velhos. Professores de universidades e do ensino fundamental. Homens e mulheres. Servidores públicos e trabalhadores da iniciativa privada. Todos unidos contra o projeto de reforma da previdência. Era esse o clima no final da tarde de quarta-feira, 15, na avenida Presidente Vargas, no centro do Rio, quando mais de 50 mil pessoas protestaram contra a proposta que sacrifica a aposentadoria de todos os brasileiros. O movimento foi nacional e lotou as ruas das principais capitais do país.

A gigantesca mobilização foi favorecida por uma rara união entre centrais sindicais, movimentos sociais e juventude. O chamado único deu certo e atraiu até mesmo pessoas que não se importam com as siglas sindicais. Mas que não querem perder direitos duramente conquistados. Nem mesmo uma

confusão entre policiais e alguns *black blocs*, ao final, tirou o brilho da marcha.

A Adufrj também contribuiu para o sucesso do ato, com um pacote de atividades, durante seis dias, que estimularam o debate sobre a Previdência. Na sexta-feira, 10, o cineclube promovido pela Seção Sindical exibiu “Eu, Daniel Blake”, filme premiado com a Palma de Ouro em Cannes. A história de um carpinteiro enredado na burocracia do Estado para conseguir um simples benefício foi imediatamente relacionada à reforma, na discussão que se seguiu ao filme.

A assembleia dos professores, dia 13, foi outro marco da semana de mobilização. Os docentes rejeitaram, por unanimidade, a proposta de reforma. Já no dia 15, pela manhã, o sindicato convidou o vice-presidente de Política de Classe da ANFIP (entidade nacional dos auditores fiscais da Receita Federal),

Floriano Martins de Sá Neto, para um debate no Centro de Tecnologia. A Anfip ganhou notoriedade na mídia por criticar o argumento de déficit na Previdência, utilizado pelo governo para tentar justificar as mudanças.

De tarde, foi a vez da assessora de assuntos econômicos do Senado Esther Dweck falar dos efeitos da reforma na vida dos servidores públicos – caso o projeto seja aprovado como quer o governo. Este debate foi organizado pela Adufrj, Sintufrj, APG, DCE e ATTUFRJ, no IFCS.

AVALIAÇÃO POSITIVA

Para a presidente da Adufrj, Tatiana Roque, o dia bastante positivo: “Os debates na UFRJ foram muito cheios, com docentes, alunos e técnicos. Foi um momento de esclarecimento, mas também de união e mobilização contra a reforma”, disse.

Da Candelária à Central: não à reforma

“Já está patente para todas e todos que é preciso se manifestar contra este conjunto de reformas. Não é só a da Previdência”, analisou Marco Aurélio Santana, diretor do IFCS, durante o protesto de quarta-feira. “O que está em jogo é o nosso passado de conquista dos direitos; o nosso presente, de manutenção destes direitos; e o nosso futuro, sem precariedade”, completou o professor.

A comparação com as jornadas de junho de 2013, quando as manifestações pararam o país durante mais de um mês, foi inevitável. Desta vez, houve a organização por parte das centrais sindicais e movimentos sociais. Mas ficou claro que não apareceu apenas a base das entidades envolvidas. A presidente da Adufrj, Tatiana Roque, também destacou a amplitude do ato do Centro do Rio, que levou mais público que as ações de rua contra a Proposta de Emenda Constitucional do teto de gastos, ano passado: “Foi um público bastante variado. O ato conseguiu juntar pessoas que não estão vinculadas à base dos movimentos e dos sindicatos. E independentemente da posição sobre o governo. Só assim vamos conseguir

barrar esta reforma”, afirmou.

O diretor da Faculdade Nacional de Direito, Flávio Martins, também fez coro com os colegas de UFRJ e foi para a rua na quarta-feira. “Se não lutarmos, corremos o risco de cancelar um futuro sombrio para todos os trabalhadores, especialmente para as mulheres”, observou, sobre a Proposta de Emenda Constitucional nº 287, que causa prejuízos específicos para elas. Em tempos de criminalização da luta política, o professor também fez questão de apontar que a passeata representava a manifestação do livre pensamento não só da universidade.

Fábio Garcez, professor do Colégio de Aplicação, contou que a unidade paralisou todas as atividades naquele dia 15. Segundo ele, o projeto do governo é “dracônico”: “Estamos aqui não só pela nossa geração, mais próxima da aposentadoria, mas também pelas futuras”, disse.

Ao final do ato, houve conflito entre *black blocs* e as forças de segurança. A situação causou correria, mas não afetou a vibração da gigantesca passeata.

REPORTAGEM

Kelvin Melo, Elisa Monteiro e Valentina Leite



Fotos: Fernando Souza



POLÍCIA ATACA IFCS

Após o término da manifestação contra a reforma da Previdência, no dia 15, o Batalhão de Choque da Polícia Militar lançou bombas de efeito moral e de gás lacrimogêneo contra o edifício onde funcionam os institutos de Filosofia e de História da UFRJ. O histórico prédio do Largo de São Francisco de Paula ficou tomado pela fumaça tóxica.

As diretorias dos dois institutos lançaram uma nota de repúdio, alegando que o ataque gerou “terror e pânico em quem estava no prédio”. Elas condenaram, ainda, a violência policial contra os manifestantes. “Esperamos que responsabilidades sejam devidamente apuradas”, diz outro trecho. A Adufrj se solidariza com os institutos, seus professores, técnicos e estudantes, e reitera que o episódio é um grave atentado à democracia.

Governo distorce dados da Previdência

ELISA MONTEIRO

elisamonteiro@adufjr.org.br

Diretor da Anfip (entidade nacional dos auditores fiscais da Receita Federal), Floriano Martins de Sá Neto foi o convidado da Adufrj para um debate sobre Previdência, dia 15, no Centro de Tecnologia. A Anfip critica o argumento de déficit na área, utilizado pelo governo para tentar justificar as mudanças.

Como os servidores serão atingidos?

♦ Todo brasileiro será atingido, se a reforma passar. Você terá aposentadoria apenas aos 65 anos de idade. Existe uma regra de transição (para homens, com mais de 50 anos, e mulheres com mais de 45). E mais: os 65 anos passam a ser, na realidade, móveis. Toda vez que a expectativa de vida completar um ano, o que vem ocorrendo nos últimos tempos, haverá um acréscimo. Além da idade, vamos ter 25 anos de contribuição. Um exemplo: se alguém entra no serviço público com 50 anos de idade, não vai sair com 65. Ele vai ter que sair na compulsória com 75 anos.

Como é o cálculo da Anfip para dizer que há superávit na Previdência?

♦ O que fazemos é uma leitura da Constituição Federal de 1988. A Constituição é muito clara nos artigos de 194 até 204, que trata da Seguridade Social, estipulando seu orçamento próprio. Neles, está a maior contribuição, que é sobre a folha de salários, mas há também outras fontes relevantes. O governo fala em déficit porque considera com única fonte de financiamento a contribuição da folha de salário. E, como não dava mais para sustentar essa linha, o governo resolveu entrar na discussão do que é ou não Seguridade Social.

CINEMA NO CAMPUS

O projeto CineAdufrj atraiu, na última sexta (10), quase duzentas pessoas à exibição do filme “Eu, Daniel Blake”, vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes. A ideia do cineclube promovido pela Seção Sindical é estimular a perspectiva crítica por meio da narrativa cinematográfica. No debate que se seguiu à sessão, foi inevitável relacionar o drama do personagem-título com a reforma da Previdência em tramitação no Congresso.

DECISÃO UNÂNIME

Por unanimidade, os professores da UFRJ rejeitaram, dia 13, o projeto de reforma da Previdência. A reunião foi realizada simultaneamente em um auditório do Centro de Tecnologia, no Salão Nobre do IFCS e no auditório do Polo Barreto, em Macaé. Os locais foram ligados por videoconferência. Na votação em urna, os docentes decidiram paralisar as atividades por 24 horas na quarta-feira, 15 de março. Foram 96 votos favoráveis à paralisação e 48 contrários.



REGIME ESTÁVEL

Em apresentação no IFCS, na tarde do dia 15, a economista Esther Dweck observou que o regime próprio dos servidores federais está estabilizado e não precisaria sofrer mais nenhuma mudança. Segundo ela, a longo prazo, a tendência é que os gastos com aposentadoria do funcionalismo diminua, em relação ao PIB do país. A economista criticou várias crueldades da proposta de reforma, como a proibição de acúmulo de pensão e aposentadoria.

DÉFICIT CONTESTADO

O vice-presidente da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal (Anfip), Floriano Martins de Sá Neto, esteve no Centro de Tecnologia da UFRJ, dia 15, a convite da Adufrj, para apresentar um estudo que indica superávit na Previdência. Os auditores também fazem severas críticas ao impacto da Desvinculação das Receitas da União (DRU), mecanismo que o governo utiliza para retirar, todos os anos, bilhões do orçamento da Seguridade Social.

Ebserh volta à cena

► **Eduardo Côrtes promove reuniões sobre a situação do Hospital do Fundão e não descarta adesão à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares**

SILVANA SÁ

silvana@adufjrj.org.br

Preocupado com a situação do Hospital Clementino Fraga Filho, o diretor Eduardo Côrtes tem realizado uma série de reuniões com a comunidade local sobre alternativas para superar a crise. Entre os assuntos abordados, a possibilidade de aderir à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, criada no governo Dilma Rousseff para gerir os HUs. Neste dia 16, ele conversou com os estudantes. Na reunião, que durou quase quatro horas, Côrtes pediu que os alunos discutam o assunto. “Temos que decidir nos próximos dois meses. Não podemos perder o momento de negociar. Pensem, conversem com as turmas. Eu vou respeitar qualquer decisão”.

O diretor não quis dar declarações à reportagem da Adufrj sobre o assunto. No dia 15, em entrevista à GloboNews,



Fernando Souza

Macas novas ficam amontoadas em vários andares. Crise se aprofundou nos últimos anos

Côrtes afirmou que o hospital não é orçamentado e que a Ebserh não resolveria este problema, mas traria agilidade na contratação de pessoal. Ele deixou claro que qualquer decisão neste sentido cabe ao Conselho Universitário.

No mesmo dia 15, o diretor conversou com os chefes de serviço da unidade. Na segunda-feira (13), com o setor de enfermagem. De acordo com algumas pessoas que acompanharam as duas reuniões — e que preferem não se identificar —,

RELAÇÃO COM A EMPRESA

Entre 2012 e 2013, durante as discussões da Ebserh na universidade, Eduardo Côrtes e Roberto Leher eram os principais atores contrários à contratação da empresa. Em 2013, o Conselho Universitário tirou o assunto da pauta. Em novembro passado, o presidente da Ebserh, Kleber Moraes, visitou o hospital a convite de Côrtes. No Rio de Janeiro, somente os hospitais universitários da UFRJ não aderiram à gestão da Ebserh.

50 ANOS DE HISTÓRIA

■ A Escola de Comunicação da UFRJ completou 50 anos no último dia 13 de março. Uma extensa programação marcou a data no campus da Praia Vermelha. Na abertura, que contou com o reitor Roberto Leher, houve depoimentos dos fundadores da Escola. A festa também teve bate-papo com alguns ex-alunos, como a jornalista Fátima Bernardes, da Rede Globo. Para completar, alunos e professores puderam desfrutar da apresentação do Coral da UERJ e de outros shows.



Cainã Dittrich

A professora Cristina Rego Monteiro, o diretor Amaury Fernandes e os ex-alunos Fernando Molica, Fátima Bernardes e Paula Ferreira

FAU E EBA SEM AULAS

■ Sem aulas e sem previsão. Esta ainda é a situação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da Escola de Belas Artes, da UFRJ. As aulas foram adiadas novamente em nota divulgada pela reitoria, em conjunto com a FAU, EBA e decania do Centro de Letras e Artes, no dia 10 de março. As atividades só serão retomadas após a conclusão das obras de adequação de salas e outras instalações no edifício, que sofreu um incêndio em outubro do ano passado.